

AÇÕES COLABORATIVAS ENTRE PROFESSORES E CUIDADORA COM VISTA A INCLUSÃO ESCOLAR

Camila Rodrigues Costa¹; Manoel Osmar Seabra Junior²; Cristiane Cardozo da Silva³
cristiane.cardozo@unesp.br

¹Departamento de Educação Física, Universidade do Oeste Paulista;²Departamento De Educação Física, Universidade Estadual Paulista; Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista.

Introdução

Propor ações colaborativas na escola é essencial ao pensar no contexto da demanda advinda do processo de inclusão. Somar esforços de professores, contar com o apoio da gestão escolar, com a participação da família e até de profissionais de outras áreas tem sido uma proposta promissora.

O desafio, contudo, implica no modo como o sistema de ensino se apresenta e, como foi estruturado historicamente. Nesse sentido, algumas barreiras dificultam propostas colaborativas na escola, como, por exemplo: 1) atuação docente individualizada, pautada estritamente pelo trabalho em sala de aula, sem articulação prática entre disciplinas; 2) o modo como o Projeto Político Pedagógico (PPP) é estruturado que, em alguns casos, não atende as demandas reais da escola; e, 3) pouco incentivo de políticas públicas voltadas para uma atuação conjunta com flexibilização de horários e um atendimento ao estudante a partir das suas potencialidades.

Apesar dos entraves burocráticos e do modo como o sistema educacional encontra-se organizado, sabe-se que é preciso tentar transpor essas barreiras e propor ações colaborativas na escola.

Na presente pesquisa a expressão cultura colaborativa é compreendida a partir da existência de uma equipe docente que atua de modo articulado em função de projetos interdisciplinares, localizados em duas grandes dimensões: 1) identificar as dificuldades e necessidades vivenciadas no contexto escolar, partindo do pressuposto de que os professores são agentes de conhecimento específico e manter um relacionamento constante entre os professores e até com apoio de outros profissionais e pesquisadores da área e, 2) a produção de recursos pedagógicos e a adoção de estratégias de ensino que estão relacionadas ao trabalho imediato em sala de aula, aos momentos de encontros para estabelecer metas e à integração curricular, que define a existência de um campo aplicado nas instituições de formação de professores (GÓMEZ; SÀNCHEZ, 2013).

Contudo, cumpre destacar que a cultura de colaboração não deve ocorrer por uma imposição externa à escola, isto é, por uma proposta burocrática, artificial ou forçada para manter uma parceria, por exemplo, entre escola e Universidade, sem a adesão da gestão escolar, dos professores e da comunidade como um todo (FORTE ; FLORES, 2012).

Segundo König e Bridi (2019), embora os professores reconheçam a potência e os benefícios da colaboração e como reorganizar os espaços físicos, o tempo de diálogo e as práticas pedagógicas, é comum os professores retornarem às suas formas de atuações tradicionais onde não existe tempo e nem espaço para o trabalho em conjunto.

Do contrário, professores que se voluntariam e se dedicam ao desenvolvimento dessa proposta, em alguns casos, quando a pesquisa finaliza, esses docentes têm como única opção o planejamento realizado informalmente, ou seja, nos corredores, nos horários de intervalos entre aulas, ou ainda, fora do espaço escolar, mas que permanecerá no campo da informalidade (KÖNIG; BRIDI, 2019).

Este dado tem enorme relevância e pode ser avaliado dentro da complexidade que implica a implementação de práticas colaborativas. Para Jurkowki e Muller (2018), propostas colaborativas apenas são viáveis quando for prioridade para a equipe administrativa, tendo em vista a necessidade de previsão de tempo hábil para o planejamento conjunto e de apoio aos professores da escola e a recepção de propostas colaborativas realizadas por profissionais extra ambiente escolar.

Objetivo

Identificar e analisar os elementos que permeiam uma proposta colaborativa na escola, a partir de observações e registros em aulas de Educação Física e da realização de encontros de planejamento com um professor de Educação Especial, de Educação Física e cuidadora.

Método

Participaram da pesquisa um professor de Educação Especial, um de Educação Física e uma cuidadora. Todos atuavam com um estudante do gênero masculino, com 12 anos de idade, com quadro clínico de encefalopatia crônica, paralisia cerebral quadriplégica, espástica, usuário de cadeira de rodas.

A coleta de dados ocorreu durante o período de 03 meses, em três situações diferenciadas: 1) nas aulas de Educação Física; 2) nos encontros com a cuidadora e o professor de Educação Especial e, 3) nos encontros de planejamento com o professor de Educação Física e de Educação Especial.

1) Aulas de Educação Física: a pesquisadora observou cinco aulas, com o objetivo de identificar como e se ocorria a participação do estudante com deficiência, a abordagem e estratégias utilizadas pelo professor para a inclusão, se havia algum momento em que o professor de Educação Especial apoiava o professor, a cuidadora ou o estudante nas aulas de Educação Física. Os dados foram registrados por meio do uso de filmagem, fotos e notas de campo. Cumpre destacar que, apenas algumas das aulas foram autorizadas a serem filmadas, com recortes nos quais o estudante participava da atividade. As observações da pesquisadora eram registradas em notas, logo após o final de cada aula e também gravadas em áudios para que a pesquisadora pudesse relatar a cena e, posteriormente, ouvir a gravação e transcrever o ocorrido. Nestas, registrava-se alguma fala do professor e as percepções da pesquisadora em relação à participação do (a) estudante, seu contato com a cuidadora e com os colegas de turma.

2) encontros com a cuidadora e o professor de Educação Especial: foi realizado um encontro, onde o professor de Educação Especial orientou a cuidadora em relação ao estudante com deficiência nas aulas de Educação Física. Utilizou-se como registro a gravação de áudio e notas de campo.

3) encontros de planejamento com o professor de Educação Física e de Educação Especial: foi realizado um encontro, na sala de recursos, com o objetivo do professor de Educação Especial juntamente com o professor de Educação Física e com apoio da pesquisadora, identificarem as necessidades de apoio ao estudante no contexto das aulas de Educação Física. Os registros ocorreram por meio de gravação de áudio e notas de campo. As notas das aulas e dos encontros foram digitadas e organizadas em um documento de Word, bem como os áudios foram ouvidos na íntegra e transcritos em um documento de Word.

Posteriormente, procedeu-se a análise. Dentre as técnicas de análise de conteúdo, optou-se pela análise temática (BARDIN, 2016), em que trechos dos conteúdos das transcrições dos áudios foram separados e reagrupados por semelhanças. Durante esse processo, procurou-se identificar e analisar os elementos que permeiam uma proposta colaborativa na escola.

Resultados e Discussão

Os resultados serão apresentados em relação aos momentos de: 1) Observação das aulas de Educação Física antes do encontro de planejamento; 2) Encontro com a cuidadora; 3) Encontro com ambos os professores; e, 4) Observação das aulas de Educação Física após o encontro de planejamento.

Observação das aulas de Educação Física antes do encontro de planejamento

Aula 1: a pesquisadora chegou à escola e encontrou-se com o Prof. Ed. Física na sala dos professores. O professor comentou que não sabia se o estudante com deficiência estaria presente naquele dia, pois em alguns dias ele costumava faltar.

Em seguida, o Prof. Ed. Física dirigiu-se para a sala de materiais da Educação Física para retirar os materiais e levar para a quadra. Neste momento, a pesquisadora permaneceu no pátio da escola. No pátio, as crianças estavam enfileiradas para adentrarem a sala de aula junto ao professor responsável e o estudante participante do estudo estava junto. Em seguida, a cuidadora levou o estudante para tomar o café da manhã no refeitório. O Prof. Ed. Física, ao avistar o estudante chamou a cuidadora para apresentar a pesquisadora ao mesmo. Neste momento, o Prof. Ed. Física disse (dados das notas de campo):

Prof. Ed. Física:

“Oi! ((falou o nome do estudante)), essa aqui é a ((falou o nome da pesquisadora)) ela vai te ajudar nas aulas de Educação Física”.

((O estudante ao ver o Prof. Ed. Física, demonstrou uma expressão de felicidade, ao apresentar um sorriso intenso. A percepção de sua alegria, também foi constatada pelo aumento da sua salivação. Em seguida, a pesquisadora disse:

Pesquisadora:

“Oi, ((falou o nome do estudante)), tudo bem com você? Se estiver tudo bem, faz um sinal de beleza com o dedo ((neste momento a pesquisadora fez o sinal com a própria mão, dando modelo ao estudante)).”

O estudante timidamente respondeu ao sinal, imitando o sinal da pesquisadora. Após este momento o Prof. Ed. Física foi para a quadra iniciar a aula e a pesquisadora ficou observando o café da manhã do estudante.

Ao finalizar o café da manhã a cuidadora foi com o estudante para a quadra. No caminho, estava a mãe do estudante que havia se dirigido até a escola para levar o andador do seu filho. A mãe do estudante explicou para a cuidadora como utilizar o andador e junto à cuidadora se dirigiram até a quadra.

Neste momento, o estudante estava utilizando o andador. Ao chegarem na quadra, o Prof. Ed. Física foi até o estudante e ficou apreensivo ao ver o mesmo utilizando o andador, devido o piso ser irregular e, por algumas vezes, o professor disse a pesquisadora:

Prof. Ed. Física:

“Esse piso é irregular, ele vai virar esse andador (+) está vendo como ele é limitado, eu disse para você”.

O estudante ficou utilizando o andador durante alguns segundos e a mãe continuou explicando para a cuidadora como ela deveria proceder. Até que a mãe foi embora e o estudante ficou na aula de Educação Física. Neste momento, os alunos realizavam as atividades e o estudante não participou da aula, pois logo a aula encerrou.

A partir da observação da primeira aula de Educação Física foi possível identificar o tema “requisitos para professores” e o subtema “conhecer o estudante”. Percebeu-se que para conhecer o estudante é preciso considerar alguns elementos, como: 1) Aspecto psicomotor e 2) aspecto social. Também foi identificado o tema “desafios para a colaboração” e os subtemas “pouca expectativa dos professores em relação ao sucesso dos estudantes com deficiência” e “medo de possíveis acidentes em relação ao estudante com deficiência durante a aula de Educação Física”.

Aula 2: Neste dia, ao chegar à quadra o professor de Educação Física comentou que a filmagem deveria ser realizada no momento em que o estudante estivesse participando da aula, o que deixou subentendido que não era filmar o estudante, sem participar. A pesquisadora aproveitou esse momento e comentou:

Pesquisadora:

“Professor foi muito bom aquele dia em que você insistiu para que a turma pudesse escolher o estudante durante a atividade”. A sua atitude, professor, foi muito importante naquele momento. Eu percebi que o estudante, naquele momento, estava ansioso, ou seja, estava aguardando que alguém da equipe fosse escolher ele. E você fez esse reforço positivo, ou seja, insistiu para que a turma pudesse incluir o estudante. Isso é inclusão!”

Nesse momento, o professor de Educação Física disse:

Prof. Ed. Física:

“Sim. Mas, ainda assim você viu como ele é limitado? (+) e não são todas as atividades que ele consegue participar”.

A partir da fala do professor, pôde-se inferir que apesar de oportunizar a participação do estudante, o professor mantém uma posição de pouca expectativa em relação ao sucesso do estudante pelo fato de visualizar apenas as limitações do estudante. Aqui pode-se identificar um novo subtema relacionado ao tema “desafios da colaboração”. Esse subtema é: “observar apenas as limitações do estudante e não conseguir identificar as suas potencialidades”.

A atividade do dia foi queimada. Para iniciar, o professor selecionou dois alunos para escolherem a sua equipe para jogar. A turma começou a escolher, na sequência de um menino e uma menina. O estudante, novamente foi o último a ser escolhido. No momento em que um aluno da turma chamou o estudante, imediatamente o professor de Educação Física entrevistou e disse que o mesmo não iria participar da atividade de queimada. Então, os demais alunos da turma foram realizar a atividade e o professor de Educação Física buscou uma bola murcha de voleibol e rolou em direção ao estudante. A cuidadora nesse instante apresentou uma expressão facial de quem não concordava, mas pegou a bola e entregou nas mãos do estudante. Durante a aula, a turma estava participando da queimada e o estudante ficou ao lado da quadra, com a cuidadora, onde a cuidadora pegava a bola e entregava para o estudante segurar. Na sequência, pediu para o estudante soltar a bola no chão, treinando habilidades manipulativas. O professor de Educação Física, uma vez ou outra se aproximava do estudante e dizia: “E aí, (mencionava o nome do estudante)?”

Aula 3: A cuidadora dirigiu-se para a quadra com o estudante. Ao chegar à quadra, o professor de Educação Física já havia organizado a turma para iniciar a ginástica. O estudante estava na cadeira de rodas e a cuidadora retirou o estudante da cadeira e começou a colocar o colete de apoio para que ela pudesse auxiliar o estudante na realização da ginástica. Enquanto o estudante estava colocando o colete, o professor de Educação Física reproduziu a música e iniciou a ginástica. Nesse momento, o estudante ficou agitado, batendo os pés e apontando com o dedo, demonstrando que queria estar com as demais crianças da turma para realizar a ginástica. A cuidadora estava com muita dificuldade para colocar o colete. Nesse momento, o professor de Educação Física manteve a ginástica e não prestou apoio. A pesquisadora então, se dirigiu até a cuidadora e auxiliou a mesma a colocar o colete e, em seguida, ela foi junto com o estudante para a quadra para realizar a ginástica.

Em um dos momentos, a cuidadora soltou os braços do estudante e ele executou o movimento sozinho, sem o apoio físico da cuidadora. Durante a ginástica, o estudante mantinha o contato visual com o professor de Educação Física e tentava realizar todos os movimentos executados pelo professor e pelos colegas de turma. Eram raros os momentos em que o estudante se dispersava. Aqui, cabe salientar que o professor de Educação Física não se aproximou do estudante e nem tentou nenhum auxílio.

Encontro com a cuidadora:

A pauta foi estabelecida em comum acordo com o professor de Educação Especial. Também ficou estabelecido que no dia do encontro com a cuidadora, a palavra seria proferida pelo professor de Educação Especial e que, em pequenos momentos, a pesquisadora iria solicitar a palavra, afinal o objetivo era que o professor de Educação Especial pudesse direcionar o encontro e realizar as orientações, com base na sua experiência e no diálogo estabelecido anteriormente com a pesquisadora.

No que tange ao apoio a cuidadora, sabe-se que essa é uma das atribuições do professor de Educação Especial. Contudo, pôde-se inferir, a partir das observações das aulas de Educação Física, que essa orientação não é direcionada ao contexto das aulas de Educação Física e que, em muitos casos, limita-se ao direcionamento em relação à alimentação do estudante e ao apoio em sala de aula comum.

Porém, a partir das observações percebeu-se que a cuidadora também necessitava de orientações em relação às aulas de Educação Física, ou seja, como proceder em relação ao posicionamento do estudante, em relação a como apoiar o professor de Educação Física, mas essa orientação não ocorria. Sendo assim, pôde-se inferir que essa orientação não ocorre em virtude da impossibilidade do professor de Educação Especial acompanhar as aulas de Educação Física e, ainda, pelo fato das aulas de Educação Física contar com conteúdos de ordem práticas que diferem dos conhecimentos do professor de Educação Especial em relação a adequações e adaptações, pela própria especificidade dos conteúdos da área de Educação Física que são diferentes da formação em Pedagogia.

Apesar desses entraves de ordem organizacional e também de rotina e disponibilidade de tempo, salienta-se que, ao propor ações colaborativas na escola, faz-se necessário contemplar o cuidador na proposta colaborativa e delinear momentos de encontro e orientação a esse profissional com o apoio e experiência do profissional de Educação Especial.

Durante todo o encontro a cuidadora mostrou-se atenta e disponível para colaborar. O encontro também foi oportuno, pois a partir desse momento a cuidadora compreendeu o objetivo da proposta de ações colaborativas e como poderia colaborar.

Encontro com ambos os professores:

Após algumas tentativas com o professor de Educação Especial, ele conseguiu agendar um encontro com o professor de Educação Física. Esse encontro foi em um dia de HTPC.

O local do encontro foi a Sala de Recursos. O professor de Educação Física ao adentrar a sala, logo comentou:

Prof. Ed. Física:

“Não vai demorar muito, né? Eu tenho muitas atividades ainda hoje”.

O professor de Educação Especial mencionou que não iria demorar e na sequência entregou uma cópia da pauta para o professor de Educação Física. O professor, logo começou a ler os tópicos.

Em seguida, o professor de Educação Física perguntou por qual motivo o professor de Educação Especial e a pesquisadora estavam com os notebooks. Esse comportamento, aparentemente denotou uma preocupação com uma possível “avaliação”, ou mesmo, o receio de estar sendo filmado ou que sua fala fosse gravada.

Durante a reunião, pôde-se observar que o professor de Educação Física aparentava estar receoso. Aqui pode-se confirmar o tema “desafios para colaboração” e o subtema “pouca crença dos professores em relação à eficiência da colaboração / planejamento colaborativo”.

Os achados corroboram com a compreensão das autoras Vilaronga e Mendes (2017) que defenderam que estabelecer uma cultura de colaboração na escola, requer uma mudança histórica, sobretudo, ao que refere ao papel costumeiro do professor de Educação Especial na rede regular de ensino e o entendimento do professor do ensino comum a despeito de como deveria ser realizado o atendimento Educacional Especializado.

O comportamento do professor de Educação Física, bem como alguns comentários que o mesmo teceu, pode denotar que o aceite em participar da proposta colaborativa ocorreu, mas que ele não acredita na eficiência dessa proposta. Além disso, pode-se sugerir que, em nenhum momento, o professor de Educação Física proferiu algum comentário no sentido de colaborar a pensar em estratégias ou mesmo que salientasse as potencialidades do estudante.

Aqui, cumpre destacar que também foi possível confirmar mais um “desafio da colaboração”, sendo o subtema “Resistência ao solicitar e receber ajuda”. Pode-se inferir que mesmo o professor de Educação Especial propondo meios para colaborar nas aulas de Educação Física, aparentemente o professor manteve a postura de receio e insegurança em relação à participação do estudante.

A despeito disso, Dias (2018, p. 35) mencionou que a prática docente não deve ser um ato solitário. Segundo a autora “a construção dos saberes que a Educação Inclusiva nos exige deve ser coletiva, envolvendo, além dos professores do ensino regular, os professores do ensino especializado, pautados numa ampla rede de colaboração”.

Observação das aulas de Educação Física após o encontro de planejamento:

Aula 1: Duas estudantes da turma ficaram responsáveis por realizar a divisão das equipes. A atividade proposta era lançar um dado grande e realizar operações matemáticas por meio do ato de virar garrafas pets (numeradas de 1 a 9). De acordo com o número que saía no dado, o estudante que estivesse jogando deveria virar as garrafas e realizar alguma operação matemática.

Durante a escolha das equipes, uma estudante da turma perguntou ao professor de Educação Física se ela poderia escolher o estudante para compor a sua equipe. Nesse momento, o professor de Educação Física disse que sim.

O estudante ficou sentado junto da sua equipe. Conforme os demais estudantes da turma realizavam a atividade e, enquanto o estudante aguardava, a cuidadora, cuidadosamente, explicava ao estudante o que estava ocorrendo e como ele deveria fazer ao chegar a sua vez.

Durante a atividade e, em especial, pelo estímulo verbal da cuidadora, o estudante, observava os demais estudantes da turma e, manteve-se atento a cada jogada. O estudante olhava para os demais estudantes que estavam na sua equipe e, por algumas vezes, apontou o dedo indicador para a direção de onde a atividade estava sendo executada, como se quisesse dizer: “Eu quero participar”!. Nesses momentos, a cuidadora verbalizou dizendo que logo chegaria a sua vez.

Como eram muitos estudantes em cada grupo, e jogava-se individualmente, a aula já estava quase acabando e o estudante ainda não havia participado, sendo assim, o professor de Educação Física pediu para a cuidadora prestar o apoio físico para que o estudante pudesse participar antes de acabar a aula. Sendo assim, o professor de Educação Física se aproximou do estudante e disse: “Falou o nome do estudante, vai lá! Agora é a sua vez!”. Foi então que o estudante, com apoio físico da cuidadora, se dirigiu até a atividade. Ao se aproximar do dado, a cuidadora manteve o apoio físico ao estudante apenas pela cintura e deixou que o mesmo pudesse segurar o dado com os seus braços, sem apoio físico. O estudante, mesmo com toda a dificuldade inerente a sua condição física, segurou o dado e, nesse momento, o professor de Educação Física realizava estímulos verbais de incentivos, reforço positivo, dizendo “Isso, falou o nome do estudante, vamos lá! Você conseguiu!”. Além do estímulo verbal, houve um momento em que o professor de Educação Física pela primeira vez se dirigiu até o estudante e tentou ajudar a cuidadora a prestar o apoio físico.

Aqui cumpre destacar que foi a primeira vez em que o professor de Educação Física tentou auxiliar a cuidadora e, por conseguinte, o estudante, a participar da atividade. O estudante, em seu tempo, conseguiu jogar o dado e, a cuidadora continuou prestando apoio físico. Quando o estudante finalizou a jogada, o professor de Educação Física encerrou a aula em função do horário.

Aula 2: A atividade foi novamente queimada, por se tratar de uma das modalidades a serem disputadas nos jogos escolares. Nesse dia, dois estudantes foram selecionados para escolher a sua equipe. Pela primeira vez o estudante foi um dos primeiros a serem escolhidos. Nesse momento, o professor de Educação Física entrevistou mais uma vez, dizendo que o estudante não poderia participar.

Foi então que o professor do ensino regular, que estava sentado na arquibancada da quadra e estava presenciando a aula, falou “Professor ((falou o nome do professor de Educação Física)), deixa ele participar ((estava se referindo ao estudante)), ele tem que participar”.

Nesse momento, o professor de Educação Física ficou em silêncio. A pesquisadora só observou a situação e não comentou nada. A cuidadora ficou olhando para o professor de Educação Física e, em seguida, direcionou o estudante junto ao grupo, por meio de apoio físico, visto que o estudante estava de colete.

Nesse momento as crianças que faziam parte do grupo do estudante se reuniram para elaborar uma estratégia para vencerem o jogo de queimada. Naquele momento, o estudante participou pela primeira vez da atividade de queimada.

As crianças pensaram em “proteger” o estudante para que ele não fosse queimado imediatamente. Então, a estratégia era alguém do grupo estar sempre à frente do estudante, para evitar que ele fosse queimado.

O jogo teve início e a cuidadora manteve-se sempre no fundo da quadra ou nas laterais. Todo o deslocamento foi realizado a partir do uso do colete e com apoio físico. Durante a atividade, ficou evidente a expressão de felicidade do estudante e o quanto ele estava se divertindo. Apesar do apoio físico da cuidadora com o uso do colete, o estudante levantava os pés e fazia os movimentos de corrida, mesmo que de modo descoordenado, devido a sua condição física. Mas a sua alegria era contagiante e ficava estampada em seu rosto.

A pesquisadora parabenizou o professor pela atitude e concluiu que o sucesso de ações colaborativas também perpassa pela postura do professor frente à condução da turma e, mais ainda, que o tema “requisitos e habilidades antes da colaboração” também foi confirmado aqui e, ainda, identificou-se um novo subtema que é “professor com perfil inclusivo” esse professor tende a estimular a turma a conviver com o estudante com deficiência e garante assim a participação do estudante com deficiência nas aulas de Educação Física.

Conclusão

Conclui-se que os elementos que permeiam uma proposta colaborativa na escola, pela necessidade de requisitos e habilidades que antecedem a colaboração, tais como: perfil inclusivo docente, conhecer o estudante e, que uma proposta de ação colaborativa na escola esbarra em alguns desafios, tais como: a resistência docente em solicitar e receber ajuda, pouca crença no sucesso de ações colaborativas.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

DIAS, S. A. **Atuação colaborativa entre professores do atendimento educacional especializado e do ensino regular** : a importância da gestão. 2018. 250f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2018.

FORTE, A. M.; FLORES, M. A. Potenciar o desenvolvimento profissional e a colaboração docente na escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.42 n.147 p.900-919, 2012.

GÓMEZ, H. M. R.; SÁNCHEZ, J. A. E. Equipo docente: formación, cultura colaborativa e interdisciplinarietà. **Pedagogía y Saberes**, Colômbia, v.1, n.39, p. 11-20, 2013.

JURKOWKI, S. ; MULLER, B. Co-teaching in inclusive classes: The development of multi-professional cooperation in teaching dyads. **Teaching and Teacher Education**, v.75, n. 1, p. 224-231, 2018.

KÖNIG, F. R.; BRIDI, F. R. S. O ensino colaborativo e a gestão das práticas pedagógicas: avaliando efeitos. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 13, n. 1, p. 278-290, 2019.

VILARONGA, C. A. R.; MENDES, E. G. Formação de professores como estratégia para realização do coensino. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, Marília, v.4, n. 1, p. 19-32, 2017.